

SÁBADO, 16 DE OUTUBRO DE 1993

# Salvar a dignidade do Congresso

Nacional

Para aqueles que não se recordam, é bom lembrar que, pouco depois da promulgação da Constituição de 1946, um deputado federal, Barreto Pinto, deixou-se fotografar de cuecas e permitiu que a fotografia fosse publicada pelo *Cruzeiro*, então a revista semanal de maior circulação no País. Foi o escândalo nacional, atingida que fora a dignidade do Congresso Nacional. O resultado não se fez esperar e o deputado teve seu mandato cassado. Hoje, a pose de Barreto Pinto em cuecas é nada diante dos escândalos que, de quando em quando, sacodem o Congresso Nacional, para espanto dos que ainda guardam a noção de que na Casa das Leis se exige de todos e de cada um comportamento que nos tempos de antanho se diria nobilitante. O espanto é de poucos, que ainda conseguem conduzir, nos casos mais gritantes, a opinião da maioria. Essa, infelizmente, aderiu à "moda" de que os tempos mudaram, os usos e costumes são diferentes e de que é necessário não ser "careta", perdoando pecadilhos cometidos pelos congressistas que, afinal, são seres humanos, sujeitos a tentações. A esse imoralismo no tempo presente, que se transformará num amoralismo futuro, junta-se o espírito de corpo que se elevou a alturas jamais sonhadas, em decorrência do isolamento de Brasília e do sistema eleitoral viciado em que se vive. O resultado é o escândalo que sacode Brasília neste momento, ao qual, já se anuncia ao longe, virá acres-

centar-se outro de maiores proporções, em que se colocará em pauta não a efetiva existência de um partido político, mas todo o processo de elaboração do Orçamento-Geral da República.

Um caso por vez, pelo amor à sanidade mental de todos nós; especialmente quando este da alegada compra do "passe" de deputados para o PSD, para que esse partido, pela lei eleitoral, pudesse apresentar candidato à Presidência da República em 94, é dos bons e mostra a que nível se pode chegar numa comunidade humana em que interesses vis estão em jogo. Aliás, em todos os casos em que políticos se metem, há sempre algo que lembra o verso sobre o reino da Dinamarca.

Acusados de comprar o "passe" de colegas — como se justificou o deputado Itsuo Takayama, comparando o exercício do mandato parlamentar num partido político ao contrato de um jogador de futebol —, os deputados Nobel Moura e Onaireves Moura decidiram que o melhor em sua defesa seria acusar todos, indistintamente, mas especialmente seus acusadores diretos. A acusação genérica foi levantada contra o deputado Fernando Lyra, contra quem se argüiu suspeição (como corregedor da Câmara, ele preside o inquérito), porque



também mudara de partido! Se uns são acusados de mudar por dinheiro, por que os que mudaram por outras razões não teriam sido inspirados por motivos igualmente torpes? Depois, vem a tecnologia moderna: como houve fita gravada de sugestão de mudar de partido mediante propina, há fita gravada de compra de emenda ao Orçamento-Geral da União. Amor com amor se paga! Ficasse a troca de insultos nisso, é briga de botequim; mas há mais. Tendo o ex-governador do

Paraná sido o detonador do escândalo, o sr. Onaireves Moura faz torpe insinuação, que depois transforma em recibos que a seu ver demonstram que a esposa do sr. Álvaro Dias extorquiu dinheiro de... clubes de futebol do Paraná! Falta apenas, nessa seqüência de demonstrações de falta de vergonha, dignidade e honradez, que alguém se lembre de haver visto um dos que acusaram a venda de mandatos numa casa de tolerância. Tudo é permitido para defender-se, vilipendiando os demais — até dizer que o deputado Jair Bolsonaro, que declarou ter sido vítima da tentativa de suborno, não pode denunciar o ato ilícito porque pregou da tribuna e fora dela o fechamento do Congresso Nacional.

Este grande escândalo acanalhou a repre-

sentação popular, esta a verdade. Só pode abastardá-la, porém, porque lideranças e Mesas permitiram ao longo dos anos que pequenos escândalos (os "pequenos assassinatos") passassem impunes, para não ofender a corporação que não é de ofício e porque sua maioria não cuida da constitucionalidade das leis que elabora. A Mesa procura agir com presteza, mas a chantagem paira no ar, contribuindo uma vez mais para envilecer o Congresso. Se se

**Só há uma maneira de salvar a dignidade do Congresso: condenar quantos o desonraram**

poderá esperar venha a acontecer? A rigor, só existe uma maneira de impedir que o mau cheiro se junte à falta de humildade no ar de Brasília: que mandatos se cassem, que a polícia investigue, que o Ministério Público Federal seja rigoroso, que o Supremo Tribunal Federal julgue com a severidade que o caso requer, para salvar-se a dignidade da instituição parlamentar no Brasil.

Ou a "corporação" readquire seu sentido de honra, ou o futuro do País será negro.

pode argüir a suspeição do corregedor da Câmara dos Deputados, levantando contra ele e quantos mudaram de partido a suspeita de que houve interesses vis por detrás da troca de legenda, que mais se